

# FESTA DA OSTRAS<sup>1</sup>: IMAGENS DE RITUALIZAÇÃO, GASTRONOMIA E ETNICIDADE QUILOMBOLA<sup>2</sup>

CARLOS CAROSO<sup>3</sup>  
FÁTIMA TAVARES<sup>4</sup>

## RESUMO

No presente texto buscamos reconstruir, por meio de uma narrativa imagética, um histórico da produção e transformação da Festa da Ostra que ocorre no quilombo do Kaonge. Tomamos como base algumas de suas sucessivas edições que presentificam a cultura quilombola, articulando uma dinâmica “moderna” enquanto festival gastronômico, comercial e artístico; ao mesmo tempo que faz e refaz a tradição, cuja força autoritativa decorre da ritualística da memória afrobrasileira presente na região, seguindo uma dinâmica de continuidades e mudanças culturais.

## PALAVRAS-CHAVE

Tradição; Inovação; Coletividade; Turismo étnico; Fotoetnografia.

## *OYSTER FESTIVAL: OF RITUALIZATION, GASTRONOMY AND QUILOMBOLA ETHNICITY*

## ABSTRACT

In the present text we seek to reconstruct, through an imaged narrative, a history of the production and transformation of the Oyster Festival that occurs in the quilombo of Kaonge. We take as basis some of its successive editions that present the quilombola culture, articulating a "modern" dynamic as a gastronomic, commercial and artistic festival; at the same time that it makes and remakes the tradition, whose authoritative force derives from the ritualistic of the Afro-Brazilian memory present in the region, following a dynamic of continuities and cultural changes.

## KEYWORDS

Tradition; Innovation; Collectivity; Ethnic tourism; Photoethnography.

---

<sup>1</sup> Projetos de pesquisa financiados por FAPESB/CNPq. (PNX005/2011 e PET0037/2012) e FAPESB/PPSUS 2020.

<sup>2</sup> Participaram na produção e seleção das imagens a doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) Lúcia Helena Ferreira dos Santos; e estudantes de graduação bolsistas Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic): Hyndra Lopes, Jaqueline Maciel e Katarine Bulhões. Edição e disposição das imagens pela fotógrafa, documentarista e videomaker Claudia Ferrari.

<sup>3</sup> PhD em Antropologia pela *University of California*, Los Angeles (UCLA). Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Permanente no PPGA/UFBA. Beneficiário de Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1-B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5788-0385>.

<sup>4</sup> Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFBA e Professora Permanente no PPGA/UFBA. Beneficiária de Bolsa de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq/MCT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6668-4300>.

*FESTIVAL DE L'HUÎTRE: IMAGES DE LA RITUALISATION, DE LA GASTRONOMIE ET DE L'ETHNICITÉ  
QUILOMBOLA*

**RÉSUMÉ**

Dans ce texte, nous cherchons à reconstruire, à travers un récit imagé, une histoire de la production et de la transformation de la fête de l'huître qui a lieu dans le quilombo de Kaonge. Nous prenons pour base certaines de ses éditions successives qui présentent la culture quilombola, articulant une dynamique "moderne" en tant que fête gastronomique, commerciale et artistique; en même temps qu'elle fait et refait la tradition, dont la force d'autorité dérive du rituel de la mémoire afro-brésilienne présente dans la région, en suivant une dynamique de continuités et de changements culturels.

**MOTS-CLÉS**

**Tradition; Innovation; Collectivité; Tourisme ethnique; Photoethnographie.**

*FIESTA DE LA OSTRAS: IMÁGENES DE RITUALIZACIÓN, GASTRONOMÍA Y ETNIA QUILOMBOLA*

**RESUMEN**

En el presente texto buscamos reconstruir, a través de una narrativa imagética, una historia de la producción y transformación de la Fiesta de la Ostra que ocurre en el quilombo de Kaonge. Tomamos como base algunas de sus sucesivas ediciones que presentan la cultura quilombola, articulando una dinámica "moderna" como fiesta gastronómica, comercial y artística; al mismo tiempo que hace y rehace la tradición, cuya fuerza autoritaria deriva de la ritualística de la memoria afrobrasileña presente en la región, siguiendo una dinámica de continuidades y cambios culturales.

**PALABRAS CLAVE**

**Tradición; Innovación; Colectividad; Turismo étnico; Fotoetnografía.**

## REINVENTANDO, RECRIANDO, FAZENDO E ATUALIZANDO A FESTA

Imagem 01. Entrando no “mundo da festa”, encontrando sinais e signos da identidade religiosa quilombola.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Mais do que “expressar” a cultura quilombola, a Festa da Ostra é uma festa em movimento, que contribui intensamente para a criação, recriação e atualização dos modos de fazer e viver em quilombos. Como sugerem Bassi e Tavares (2017), a Festa da Ostra “pode ser compreendida tanto a partir do conceito de “invenção da tradição” (HOBBSAWM; RANGER, 1997), quanto a partir das contribuições de Wagner (2010) sobre inventividade inerente aos processos de simbolização da cultura, tal como argumentamos em artigo de nossa coautoria a ser publicado recentemente (TAVARES; CAROSO, 2023). Parece-nos, assim, que as lutas e processos organizativos dessas comunidades não se encontram confinadas aos espaços tradicionais e/ou “legítimos” de ação coletiva, como no Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape (instância que reúne várias comunidades do município) e nas associações de cada comunidade, nas articulações para eleição de lideranças nas câmaras legislativas, nas colônias de pescadores e conselhos da Reserva Extrativista (Resex) Marinha da Baía do Iguape, ambiente em que estão situadas algumas comunidades. As transformações das “vontades” dos sujeitos coletivos em demandas de políticas públicas também se espraiam nas dimensões performáticas das festas, dentre outras experiências de sociabilidade. A cuidadosa percepção dessas conexões nos ajuda a entender o processo de

luta pelos direitos quilombolas gestados nas sucessivas edições daquele evento, bem como a realização dos encontros de lideranças quilombolas do território de identidade do Recôncavo da Bahia, que desde 2015 passou a integrar a programação do evento.

Uma iniciativa que contribui intensamente para a ativação da ancestralidade no florescimento da cultura quilombola é a denominada “Rota da Liberdade”. Voltada para a promoção do turismo étnico de base comunitária, a Rota vem a constituir uma visibilização autocontrolada de algumas daquelas comunidades por meio da visita a lugares e exemplares do patrimônio cultural, das atividades produtivas, da contação de histórias por parte de griôs e eventos de variados tipos. Entre todos os eventos, merece especial destaque a Festa da Ostra, na condição de uma manifestação que atrai ampla visibilidade para a região e sua população etnicamente diferenciada, com intensa e crescentemente divulgação por vários meios de comunicação.

#### Imagem 02. Cerimônia de abertura do evento e apresentação da Carta Quilombola 2022.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Do ponto de vista da economia, é importante notar que naqueles territórios articulam-se núcleos de produção comunitária responsáveis por muitos produtos típicos da região. Destaca-se o Banco Solidário Quilombola do Iguape, com a moeda social denominada “Sururu”, que contribui para circulação de valores na economia local e concede empréstimos a baixo custo<sup>5</sup>; de iniciativas voltadas para a sustentabilidade socioambiental (especialmente no contexto da citada Resex); de tradições culturais; de festivais de grande importância no

<sup>5</sup> Trata-se do primeiro banco social quilombola do Brasil, que se encontra em funcionamento desde o ano de 2010.

calendário regional e local; de iniciativas educativas; além de projetos e parcerias com Organizações não Governamentais (ONGs) nacionais e estrangeiras, universidades e organizações de diversos tipos, em busca de fortalecimento da cidadania na luta por políticas públicas inclusivas.

A primeira edição da Festa da Ostra se deu no ano de 2009. A partir de então, tornou-se um evento anual ininterrupto no quilombo Kaonge. O evento manifesta de forma ímpar a presentificação da cultura quilombola do Recôncavo Baiano, por meio da inventividade inerente aos processos de simbolização e reatualização da cultura.

A festa em questão remete a diferentes modos de atuação dos símbolos da cultura popular, reinterpretados como parte do patrimônio quilombola (TAVARES *et al.*, 2019a). Condensa-se modalidades comunicacionais tradicionais, assim como faz intenso uso de meios de comunicação contemporâneos, buscando-se, eventualmente, a colaboração de mediadores do turismo, agências, agentes e guias, com vistas a captar e receber visitantes nacionais e estrangeiros. Todavia, este uso da mídia não torna menos importante o apego às expressões da cultura oral tradicional pelos mais velhos das comunidades que, durante o evento, promovem “rodas de conversa” temáticas na abertura da festa, nas oficinas e em momentos pontuais. As “rodas”, lideradas pelos mestres griôs, reconduzem, como uma força centrípeta, a festa no interior da comunidade, uma vez que reforçam uma sociabilidade comunitária e o sentimento de pertencimento a um território ancestral.

A dinâmica da Festa da Ostra varia e se renova ao longo de suas edições anuais, mas se estrutura a partir das atividades variadas, a exemplo de: a) venda de produtos da cultura quilombola local, como mel de abelha; farinha de mandioca, beijus e tapioca e outros produtos de mandioca; azeite de dendê; doces e licores de frutas de produção regional; artesanato em fibras, palhas, barro e tecidos; raízes, folhas e frutos de plantas medicinais, assim como xaropes elaborados por terapeutas locais (a partir de fórmulas compartilhadas ou mantidas em sigilo por aqueles que foram “escolhidos” para recebê-las por parte de entidades espirituais); entre outras atividades que são incorporadas a cada ano, contribuindo para o fortalecimento dos núcleos de produção quilombolas (núcleos com foco na sustentabilidade e em economia solidária, com respeito à ancestralidade, tradições, valores e à natureza); b) oficinas (atividades locais, cuidados pessoais, moda estética afro etc.); c) atividades gastronômicas (arte culinária e oficinas de comidas típicas, degustação de ostras preparadas de diferentes formas e outras iguarias); d) atividades culturais e performáticas (roda de capoeira, grupos de samba de roda, dança afro, shows de reggae, apresentação de grupos culturais, desfile com indumentária afro etc.); lúdicas (performances corporais, desfiles, danças, brincadeiras infantis e leilões), entre outras.

Imagem 03. “Comida de dendê”. Moqueca de ostras que motiva e denomina a Festa.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagem 04. Da cozinha à mesa: culinária, sabores, comensalidade.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

É importante destacar que a elaboração da agenda das demandas quilombolas ocorre por ocasião do encontro de parceiros no dia anterior ao início oficial das atividades que integram a festa. A apresentação pública da Carta Quilombola, na qual são registradas as reivindicações, se dá na manhã do sábado, ocasião em que se encontram presentes representantes acadêmicos, políticos e gestores municipais e estaduais. Ao fim da apresentação é servido o almoço, para em seguida ter início das atividades lúdicas e shows acima mencionados.

As atividades que ocorrem ao longo da Festa são tomadas como expressões de uma identidade quilombola, pois a culinária, as práticas artesanais, os produtos da economia solidária, e as várias performances ritualístico-religiosa e culturais são trazidas no “palco” do evento como expressões de uma cultura negra local. Assim, esta apresenta uma dinâmica “moderna” enquanto festival gastronômico, comercial e artístico, cuja força autoritativa decorre da tradição ritualística afro-brasileira presente na região, traço que fomenta a continuidade cultural marcada pela ancestralidade.

Os principais responsáveis pela organização da festa são os membros do núcleo dos cultivadores de ostras (atualmente abrangendo 65 famílias), localizado no quilombo Dendê, um dos núcleos produtivos organizados no Conselho Quilombola, em articulação com o núcleo de turismo étnico de base comunitária, contando ainda com a participação de outros núcleos produtivos existentes nas comunidades quilombolas. As atividades dos núcleos de produção são entendidas inicialmente como atividades de valorização do que já se cultivava tradicionalmente, da conservação e preservação ambiental na área da Resex, e têm a pesca, a mariscagem e a agricultura como principais fontes de renda.

Imagem 05. O criatório de ostra que antecede e motiva a Festa.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

A Festa da Ostra ocorre no mês de outubro no quilombo do Kaonge, localizado no distrito de Santiago do Iguape, município de Cachoeira, Bahia, um dos mais bem localizados e acessível e que conta a melhor estrutura para a realização. Neste local se encontram uma escola municipal, o terreiro de umbanda, que detém importante referência religiosa para as comunidades, uma pequena pousada, um bar e um restaurante, equipamentos que estimulam e permitem permanente afluência ao local de pessoas de outros quilombos de sua vizinhança e de visitantes de fora da área.

O tempo da festa é um momento de retorno, reunião e reencontro de parentes e amigos que residem em cidades como Salvador e outras próximas. Soma-se ao público localizado na região e suas proximidades, uma significativa presença de visitantes de outras partes do país e estrangeiros, atraídos pelo evento e captados como resultado do investimento em turismo de base comunitária.

O valor tradicional do trabalho comunitário, inerente à festa, é enfatizado por Juvani Viana, a mais destacada liderança religiosa do Kaonge, que fundamenta o sucesso do evento eco gastronômico na tradição que atravessa tanto a dimensão técnica como a ritualística (a exemplo do preparo do caruru devocional).



## FAZENDO O “TEMPO DA FESTA”

A luta das comunidades pela sobrevivência no território apresentou momentos de grande mobilização, como ocorreu nos anos 1980, para evitar a transformação das terras em pastagens para gado e a preservação dos dendzeiros, ameaçados de erradicação após o fechamento da unidade agroindustrial da Opalma, que resultou em desemprego para significativa parcela da população desta área. A produção de óleo de dendê tinha como base extenso plantio desta palmeira exótica<sup>6</sup>, que teve suas sementes trazidas pelos povos africanos escravizados e foi incorporado ao consumo e às paisagens na Bahia, tendo vários usos culinários e industriais. Seu cultivo para fins comerciais se deu como parte do processo de sucessão agrária na área outrora dedicada, quase exclusivamente, ao plantio de cana de açúcar, que supria matéria prima aos antigos engenhos de produção de açúcar e outros produtos de consumo mais localizado, a exemplo do melaço de cana, rapadura e cachaça, e, posteriormente às usinas açucareiras.

No início dos anos 2000, as iniciativas pioneiras do Centro de Educação e Cultura Vale do Iguape (CECVI) e do Conselho Quilombola produziram uma transformação nas expressões culturais dessas comunidades ao resgatarem tradições populares, memórias ancestrais e incrementando novas edições de eventos e atividades. Como parte da busca de revalorização social, no ano de 2007 foi realizado um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com um grupo de jovens e lideranças quilombolas, com apoio de técnicos de organizações parceiras que visitaram 350 domicílios, realizaram 16 reuniões comunitárias e entrevistaram 498 pessoas envolvidas com agricultura familiar quilombola. Entre outros resultados obtidos, foi identificado que as atividades extrativas da mariscagem e a coleta do abandonado plantio de dendê para beneficiar em azeite comestível, se encontravam entre os principais agentes de agregação de algum valor à baixa renda familiar. Ao mesmo tempo, a constatação da redução dos moluscos e crustáceos para coleta de subsistência e geração de renda passou a ser suprida e aumentada com a alternativa da criação de ostra em cativeiro, cuja expressão mais visível é a Festa da Ostra (SANTOS; JOVELINO; SILVA, 2018).

---

<sup>6</sup> *Elaeis guineenses* é originária da Costa Ocidental da África, conhecida como palmeira-de-dendê, coqueiro-de-dendê, dendê, palmeira-de-óleo-africana, aabora, aavora, palma-de-guiné, palma, dendém e palmeira-dendém.

Imagem 06. Abertura da Festa no início do Encontro de Parceiros e I Carta Quilombola.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

O evento que ali se iniciava veio a assumir regularidade anual e se consolidar como significativo fator de geração de trabalho especializado e renda constante para os cultivadores de ostras. As festas são organizadas em torno de um título/tema que expressa as preocupações e demandas político-sociais da ocasião, ao mesmo tempo em que destacam a diversidade de atividades que são apresentadas durante a festa. Assim é que a I, a II e a III Festa da Ostra tiveram como título/tema “Trabalho, cultura e cidadania”, enquanto a 4ª edição foi organizada sob o título/tema “Boas Práticas para Sustentabilidade”.

Imagem 07. Desfile de bandeiras marcando o início do evento festivo.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Ao longo das edições da Festa, novas atividades vêm sendo introduzidas, a exemplo do que ocorreu na IV Festa da Ostra, em 2012, com a “roda de prosa” sobre boas práticas para a sustentabilidade, além das oficinas e demais atividades. Outras oficinas tiveram lugar à medida em que novos projetos estavam em curso, dinamizando os núcleos de produção existentes e estimulando o surgimento, fortalecimento e implantação de outras atividades organizadas.

Tem especial importância a VII Festa da Ostra no ano de 2015, que teve como título/tema “Cidadania Quilombola: Sonho de Liberdade”. Nesta ocasião se criou a tradição de “Encontro de Lideranças de Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Recôncavo”, assim como deu início ao ciclo de elaboração de cartas quilombolas nas quais são apresentadas as reivindicações por parte das comunidades de maneira participativa e coletiva. Vale notar que a partir de então a publicização da “Carta Quilombola” vem sendo fator de grande importância para formulação e desencadeamento de políticas públicas mais ajustadas às características e necessidades das comunidades quilombolas da Bahia por meio de editais específicos.

A partir de 2015, nos anos e festas que se seguiram (2016, VIII; 2017, IX; 2018, X), foi mantida a programação de três dias. O encontro das lideranças ocorre regularmente na sexta-feira anterior à abertura da Festa da Ostra, tendo como principal resultado a elaboração da referida Carta Quilombola. Na ocasião são discutidos vários temas, seja em pequenos grupos temáticos, ou, como veio a ocorrer mais recentemente, na forma de discussão direcionada entre todos os presentes, que tomam como ponto de partida e avaliação do atendimento das demandas apresentadas na Carta do ano anterior. A partir dessas discussões e reflexões é elaborada nova Carta, na qual são registrados os novos pleitos das comunidades para o poder público das esferas Municipal, Estadual e Federal, contribuindo, assim, no desencadeamento de políticas públicas para as comunidades quilombolas da Bahia por meio de editais específicos por parte do Estado. As Cartas se tornaram mais um fator de reforço a importância da ocasião festiva como um momento de expressivo significado para o fortalecimento das representações identitárias já contidas na ocasião.

Como parte da intensa dinâmica e constante renovação, a XI Festa da Ostra, realizada em 2019, apresentou como título/tema “Guerreiros quilombolas em sonho de liberdade”, marcando a cerimônia de abertura com intensa performance (LANGDON, 2006) dramática sobre a potência transformadora da cultura negra, lançamento de livros, além das atividades de empoderamento político (como em outras edições). Naquela ocasião teve especial destaque a questão da mulher quilombola, por meio da apresentação do Núcleo das Marias Felipas<sup>7</sup>. A partir da criativa e sempre renovada programação, foram realizadas oficinas de confecção de turbantes, culinária, apetrechos de pesca e cultivo de ostras, todos integrando elementos fundamentais na identidade pública afro-brasileira compartilhada por diferentes povos quilombolas.

---

<sup>7</sup> Maria Felipa de Oliveira, nascida na Ilha de Itaparica, uma mulher negra, ex-escravizada, que se tornou importante liderança e uma das heroínas da luta da Independência da Bahia no ano de 1823 e Independência de Itaparica em 1824.

Imagem 08. Performance, musicalidade, teatralidade e corporalidade quilombola: vida, resistência, luta.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagem 09. Performance, musicalidade, teatralidade e corporalidade quilombola: morte e renascimento.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

No ano de 2020, a XII Festa da Ostra teve como título/tema “Envolver para Desenvolver” e foi realizada nos dias 30 de outubro e 01 de novembro por meio virtual em razão da pandemia de Covid-19. No primeiro dia ocorreu o 6º Encontro do Núcleo de Desenvolvimento dos Quilombos do Território do Recôncavo para revisão e atualização da Carta Quilombola. No segundo dia foi realizado um seminário, no qual ocorreram vários diálogos temáticos relacionados ao enfrentamento da Covid-19 e questões relacionadas à saúde e medicina tradicional, entre outros de interesse de todos os participantes, incluindo aqueles que participaram à distância, a exemplo de pesquisadores das universidades, políticos e gestores públicos, como rotineiramente ocorre em anos anteriores.

No ano de 2021 veio a ocorrer a XIII Festa da Ostra, tendo com um dos principais temas a saúde e o enfrentamento da pandemia. A participação presencial foi limitada a convidados, ocorrendo também participação *on-line* para interessados. Na ocasião renovou-se a Carta Quilombola e se manteve todo o segundo dia de apresentações e discussões sobre o tema saúde da pessoa. Nesta edição estiveram presentes praticantes terapêuticos urbanos, vindos de Salvador para participar dos diálogos estabelecidos naquele momento, assim como incluiu a entrega de exemplares do livro Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas: Cachoeira, Bahia (TAVARES *et al.*, 2019b), que resultou da colaboração e compartilhamento de conhecimentos entre pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com vários dos praticantes terapêuticos quilombolas presentes na cerimônia.

O ano de 2022 marcou a “retomada” das atividades públicas irrestritas da XIV Festa da Ostra, que ocorreu nos dias 14 e 15 de outubro. As atividades se desenvolveram sob o título/tema “Envolver para Desenvolver: um Novo Modelo de Vida é Possível”, mantendo muitas daquelas atividades que fizeram parte de edições anteriores, contudo, inovando em várias outras, de modo a buscar novos ganhos e recuperar a popularidade e intensidade do evento tão afetado pelo evento epidemiológico. A avaliação dos ganhos obtidos por intermédio da Carta Quilombola foi feita durante o período da manhã do primeiro dia do evento, seguido das novas propostas e demandas, como sempre feita a leitura pública ao fim desta primeira etapa do evento. É importante ser destacado que, como era período de eleições estaduais e federais, naquele momento que antecedia o segundo turno do pleito, teve presença e participação de agentes políticos mais intensa que em edições anteriores.

Ao longo de mais de uma década e meia desde a primeira edição, pode-se constatar que os resultados conquistados são o crescente envolvimento local nas diferentes edições, que vem propiciando o fortalecimento de práticas e saberes quilombolas: práticas artesanais (vestuário, comidas, objetos ornamentais, cultivo de ostra, pesca e mariscagem, plantio de roças, extrativismo etc.); terapêuticas tradicionais (plantas medicinais, xaropes de ervas,

benzeduras, rezas etc.); samba de roda e dança “afro”; “rodas de conversa” com mestres griôs que propulsionam o turismo étnico de base comunitária da “Rota da Liberdade”.

## O QUE A FESTA FAZ?

Imagem 10. Patrimônio imaterial quilombola: signos e sinais de presença do sagrado.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Para obter algumas respostas e melhor compreensão para esta questão no contexto da Festa da Ostra, buscamos elaborar uma narrativa imagética/fotoetnográfica (GODOLPHIM, 1995; SAMAIN, 2012; ALVAREZ, 2018) com uma pequena seleção temática dentre as milhares de imagens que resultam de quase uma década desde que iniciamos nossa colaboração com as comunidades quilombolas da Bacia do Iguape e Vale do Paraguaçu. Nosso esforço é de trazer evidências de que a Festa visibiliza o patrimônio cultural quilombola para além do território municipal, estendendo as articulações da cultura quilombola pela Bahia, outras regiões do país e para outros países (CAROSO *et al.*, 2018). Visitantes da festa provenientes de outros municípios e estados têm contato com o patrimônio paisagístico da região, fortemente marcado pelos vestígios das estruturas arquitetônicas e industriais dos engenhos do Brasil colonial, e podem adquirir os produtos da

feira solidária, experimentar as ostras e demais iguarias, vivenciar as oficinas, ouvir e participar do samba de roda e outras expressões performances ritualísticas e musicais.

Imagem 11. Patrimônio material quilombola: signos e sinais de pertença e “natividade”.



Fotos: Acervo ObservaBaía.



A Festa dinamiza as já elencadas atividades da economia e da cultura quilombola, assim como acolhe diversos itens produzidos em comunidades quilombolas dos municípios vizinhos de Santo Amaro, Maragogipe, São Felix, Cruz das Almas, e de produções comunitárias de outras populações tradicionais (marisqueiras, pescadores, rendeiras etc.). A Festa também propicia articulações para além da cultura quilombola, como ocorreu na edição de 2017, em que lideranças indígenas Pataxó dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália vieram participar e conhecer a forma de viver e festejar dessas comunidades, além de compartilhar experiências.

O evento evoca tanto uma tentativa de dar visibilidade às formas de produtividade artesanal (o cultivo da ostra continua sendo praticado segundo as técnicas de pesca artesanal como a “camboa de pau”), quanto um modelo moderno de festival eco gastronômico. Com a adesão aos critérios e certificações internacionais de sua autenticidade, esses saberes e fazeres se redefinem na esfera da patrimonialização imaterial (o azeite de dendê e a ostra obtiveram a certificação de qualidade superior junto ao movimento *Slow Food International*). A aquisição de produtos, pagamento pela participação em oficinas e degustação podem ser feitas com a moeda social local, o mencionado “Sururu”.

A Festa apresenta como alicerce e orientação a ancestralidade e a devoção aos Orixás, o pedido de agô na abertura e agradecimento da presença do Pai Xangô no encerramento. Há também uma forte implicação emocional na preparação do tradicional caruru, evento gastronômico festivo-religioso intensamente presente na região. É, assim, reconduzida à tradição religiosa de matriz africana, em que se “dá carurus”<sup>8</sup> que mobilizam importantes dinâmicas de reciprocidade, a exemplo dos dons e contradons, conforme discutido por Mauss (1918 [1923–1924]; SIGAUD, 1999), ligados às ações religiosas e devocionais de cunho popular.

---

<sup>8</sup> Sendo o caruru uma comida devocional, na linguagem popular não se diz “fazer um caruru”, mas, “dar um caruru”. Frequentemente o ato de dar um caruru se encontra relacionado a uma devoção, agradecimento por uma graça alcançada, desígnio decorrente de encontrar no seu prato um quiabo inteiro, promessa em busca de alcançar uma graça, entre outras.

Imagem 12. Brincadeiras infantis.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagem 13. Máscaras carnavalescas da tradição Recôncavo Baiano.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagem 14. Grupo de capoeira. Destaque para tocadores de berimbau.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagem 15. Auto popular e dança do Nêgo Fugido.



Foto: Acervo ObservaBaía.

## CHEGANDO AO FIM DE UMA FESTA E ANTECIPANDO A PRÓXIMA FESTA?

Imagem 16. Leilão de objetos domésticos e iguarias alimentares para compor o fundo ritual da festa.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

Imagens 17 e 18. Apresentações musicais, danças e performances corporais que se seguem ao banquete quilombola.



Fotos: Acervo ObservaBaía.

A proposta desta fotonarrativa é de nos permitir, por meio do olhar previamente informado e intencional, ver e compreender, por meio das imagens, como a Festa da Ostra, que tem lugar no quilombo Kaonge, expressa de forma intensa a dinâmica de vida e formas

de luta identitária das comunidades quilombolas da região (GODOLPHIM 1995; BARBOSA; CUNHA, 2006). Da condição inicial de festival gastronômico voltado para explorar os potenciais locais no ano de 2009, este evento vem crescentemente adquirindo intenso teor político, como se pode notar em várias de suas edições, particularmente na XIV que ocorreu no ano de 2022. Uma importante evidência dessa transformação encontra-se no fato de que a partir do ano de 2015, o evento passou a ser antecedido pelo encontro de lideranças do território do Recôncavo durante o qual é elaborada a Carta Quilombola, a qual crescentemente aprofunda sua dimensão e adquire destaque na luta quilombola por seus direitos diferenciados e cidadania.

Assim, podemos constatar que a esta ocasião festiva, que desde seu início oportuniza a comercialização de produtos da economia solidária e de expressões e bens da cultura quilombola, promove atividades gastronômicas, musicais, literárias e disponibiliza oficinas de fazeres e saberes quilombolas, vem se somando às crescentes e apropriadas demandas políticas pela melhoria das condições de vida, educação, saúde e trabalho.

Adicionalmente a todas essas conquistas, é importante ainda considerar como um dos resultados mais perceptíveis a sua expressiva visibilidade regional, que a leva crescentemente a fazer parte do calendário do “turismo étnico” do Recôncavo Baiano. Ao examinamos a destacada importância que tem e é atribuída à festa, podemos afirmar que, a cada evento, antecipa-se e recria-se a próxima festa. Nesse processo de constante recriação, já no ano de 2023, a Festa da Ostra teve seu título alterado para Festival Cultural e Gastronômico da Ostra.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel O. Antropología visual, performances y hermenéutica. Experiencia de ver, escuchar y participar en Huautla de Jimenez, Oaxaca, México. *Iluminuras*, v. 19, n. 46, 2018.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BASSI, Francesca; TAVARES, Fátima. Preparando o banquete, sonhando a festa: memória e patrimônio nas festas quilombolas (Cachoeira-Bahia). *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 4, n. 7, p. 15-32, 2017.

CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. Paisagens, memória e identidade: vulnerabilidade socioambiental do patrimônio cultural quilombola. *Acesso Livre*, n. 9, 2018.

FESTA DA OSTRA OFICIAL. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/festadaostraoficial/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, v. 1, n. 2, p. 125-144, 1995.

- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção de tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como Paradigma Analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha - Revista de Antropologia**, vol. 8, no. 1, 2. UFSC, Florianópolis. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18229/17094>.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SANTOS, Cléia Costa dos; JOVELINO, Rosane Viana; SILVA, Gilmar Bittencourt Santos. Conselho Quilombola e sua função deliberativa no planejamento do estado: o caso da Bacia e do Vale do Iguape. **Bahia Análise & Dados**, v. 28, n. 2, p. 178–195, 2018.
- SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do "ensaio sobre o dom". **Mana**, v. 5, p. 89–123, 1999.
- TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos. Contracolonialismo, etnopolítica e políticas públicas: cartas e etnogovernança quilombola. **Revista Antropolítica**, v. 55, n. 3, p. 1–26, 2023.
- TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos; BASSI, Francesca; RAMOS, Cleidiana. **Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos**. Salvador: EDUFBA, 2019a.
- TAVARES, Fátima *et al.* **Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas: Cachoeira, Bahia**. EDUFBA, 2ª Ed., 2019b.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Recebido em 30 de junho de 2023.  
Aprovado em 7 setembro de 2023.